

SOBRE A EXISTÊNCIA DE UM QUARTO MODO NO PORTUGUÊS

Afrânio da Silva Garcia (UERJ)

Tradicionalmente, convencionou-se chamar de *modo* às nuances emocionais que podem ser expressas pelo verbo ou por algum elemento a ele relacionado. A maioria das línguas apresenta os seguintes *modos*: um *modo declarativo neutro*, desprovido de nuances emocionais, em que a situação é vista simplesmente como um fato; um *modo conativo*, usado para ordens, pedidos, súplicas, persuasões, etc.; e uma série de *modos* expressando uma vasta gama de emoções e relações, como o *modo desiderativo* (que expressa o desejo), o *modo optativo* (que expressa a dúvida), o *modo subjetivo* (que expressa a hipótese), o *modo volitivo* (que expressa a vontade), o *modo condicional* (que expressa a condição), o *modo imprecativo* (que expressa a injúria), o *modo conjuntivo* (que expressa a subordinação de uma situação a outra), etc., variando o número desses *modos expressivos* de língua para língua.

Muitas línguas flexionais, como o português, costumam desenvolver uma categoria gramatical para expressas esses *modos*, constituindo-se assim os *modos gramaticais*, que muitas vezes associam às noções de *modo* outras noções, como as de *aspecto* e *fase*. Temos, portanto, duas noções distintas: a noção semântico-pragmática de *modo* e a expressão dessas noções, por vezes associadas a outras, nos *modos gramaticais* de determinadas línguas.

As gramáticas da língua portuguesa distinguem três *modos verbais*, ou seja, três *modos gramaticais*: um *modo indicativo*, para orações declarativas neutras; um *modo imperativo*, para orações conativas, que exprimem ordens, pedidos, súplicas, persuasões, etc.; e um *modo subjuntivo*, que serviria para expressar tanto uma situação *hipotética* (uma dúvida, uma pressuposição, um desejo, uma esperança, etc.) quanto uma situação *dependente* de outra, ainda que essa situação fosse *não-hipotética* (uma declaração, uma certeza, etc.).

Teríamos, assim, uma situação bastante interessante no português: de um lado, teríamos três *modos gramaticais*: indicativo, imperativo e subjuntivo; de outro lado, teríamos quatro *modos expressivos*: declarativo, conativo, subjetivo e conjuntivo, sendo estes dois últimos representados conjuntamente pelo *subjuntivo*, como podemos constatar nos exemplos que se seguem:

- a) A luz está acesa. (*modo declarativo* — *modo indicativo*)

- b) Abra essa porta. (*modo conativo* — **modo imperativo**)
- c) Talvez eu vá à feira. (*modo subjetivo* — **modo subjuntivo**)
- d) Admirei-me de que ela comparecesse. (*modo conjuntivo* — **modo subjuntivo**)

Como se pode constatar nas sentenças **c** e **d**, o **modo subjuntivo** tanto pode expressar uma situação *hipotética* (sentença **c**) como uma situação tida como um *fato* (sentença **d**). Porém o título do presente trabalho não se refere à existência de um quarto modo no português no sentido de uma quarta noção semântico-pragmática, mas sim à ocorrência de um quarto **modo gramatical** no português, uma quarta maneira de expressar certas noções modais gramaticalmente. Se analisarmos os períodos seguintes:

- e) Isso que você falou talvez **seja** verdade.
- f) Isso que você falou talvez **fosse** verdade.
- g) Se eu **fizer** isso, **serei** um canalha.
- h) Se eu **fizesse** isso, **seria** um canalha.

Notaremos que, embora todos os exemplos estejam, formalmente falando, no **modo subjuntivo**, existe uma diferença marcante entre os exemplos **e** e **f**, por um lado, e entre os exemplos **g** e **h**, por outro. No exemplo **e**, o falante admite a possibilidade de que aquilo que o interlocutor disse seja verdade, enquanto no exemplo **f**, o falante está, em realidade, chamando o interlocutor de mentiroso. Da mesma forma, no exemplo **g**, o falante admite a possibilidade de fazer determinada coisa, com a ressalva de que, fazendo isso, ele se tornará um canalha, ao passo que no exemplo **h** a simples possibilidade de o falante fazer determinada coisa é totalmente descartada.

Por expressar uma situação como uma *hipótese que contraria os fatos*, uma hipótese impossível ou inaceitável dentro de uma certa noção de realidade, optamos por chamar esse quarto **modo gramatical**, distinto tanto dos **modos indicativo** e **imperativo**, quanto do **modo subjuntivo**, pelo nome de **modo hipotético-contrafactual**, visto que sua função é enfatizar que uma determinada situação ou acontecimento constitui uma oposição clara à realidade dos fatos.

Uma segunda característica do **modo hipotético-contrafactual** que o diferencia dos outros três **modos gramaticais** é o fato de não apresentar flexão temporal, ao contrário do que ocorre com o **modo subjuntivo**, ou seja, a mesma forma do verbo, correspondente à forma verbal do **pretérito perfeito do subjuntivo** (terminação *sse*), serve tanto para expressar uma situação no **presente**, no **passado** ou no **futuro**, como podemos constatar nos exemplos abaixo:

- i) Se eu **fosse** à festa **ontem**, isso não teria acontecido.
- j) Se eu **fosse** convocado **hoje**, não me alistaria.

k) Se eu **fosse** ao seu casamento **amanhã**, estragaria tudo.

Essas duas características parecem-nos suficientes para configurar a existência de um **quarto modo gramatical do português**, destinado especificamente a expressar uma situação como uma hipótese descabida, flagrantemente contrária à realidade: o fato de o **modo hipotético-contrafatual** estar em oposição excludente com todos os outros **modos gramaticais** do português, inclusive com aquele ao qual mais se assemelha formalmente: o **modo subjuntivo** (cf. exemplos **e, f, g e h**); e o fato de um verbo no **modo hipotético-contrafatual** manter sempre a mesma terminação (equivalente, mas de forma alguma idêntica, à do **pretérito imperfeito do subjuntivo**), quer expresse uma situação no **presente**, no **passado** ou no **futuro** (cf. exemplos **i, j e l**).